

A COMUNICAÇÃO DA AVALIAÇÃO DE DEUS SOBRE SUA CRIAÇÃO

Silvani Alves de Oliveira Lobianco¹

Faculdade Assembleiana do Brasil

ORCID – <https://orcid.org/0009-0006-0360-9366>

Faculdade Assembleiana do Brasil

Lázara Divina Coelho²

ORCID – <https://orcid.org/0009-0002-9253-2647>

LATTES – Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7125723542812371>

Faculdade Assembleiana do Brasil

RESUMO

Esse texto reflete pesquisa sobre a avaliação divina de sua criação em Gênesis 1, no âmbito do Projeto de Iniciação Científica “A Mídia Divina: Deus nos falou de modos e em ocasiões diferentes”, da Faculdade Assembleiana do Brasil. Seu fundamento teórico está na contribuição de Martínez Díez (1997), que postula a necessidade de uma palavra profética posterior à atividade criadora de Deus para trazer o devido esclarecimento sobre a criação. Contribuem com a discussão, os teólogos sistemáticos Berkhof (2012), Ferreira (2007) e Frame (2013), e os teólogos bíblicos Van Groningen (2002) e o próprio Martínez Díez (1997). Busca-se identificar a natureza das reiteradas declarações sobre a bondade de Deus na criação e o significado dessa bondade. Quanto à natureza e ao objeto dos atos declarativos,

¹ Graduanda em Teologia (FASSEB-GO), com atuação em pesquisa no Programa de Iniciação Científica, desenvolvendo o projeto “A mídia divina” na área de Comunicação e Teologia. E-mail: terraforte.gyn@gmail.com.

² Doutora e mestre em Ciências da Religião (PUC-GO), e mestre em Teologia (CPAJ/UPM-SP); teóloga (SPBC-GO/UPM-SP) e comunicadora social (UFG-GO); especialista em Educação a Distância (FacSENAC/GO) e Ensino Religioso (UniEVANGÉLICA/GO). Desenvolve pesquisas nas áreas de Meio Ambiente, Comunicação, Teologia, Hermenêutica e campos interdisciplinares correlatos. E-mail: lazaracoelho@gmail.com.

ficou constatado que se trata de uma comunicação verbal de Deus, feita de forma indireta através do espaço literário ocupado pelo profeta Moisés, sobre a sua avaliação da criação; e quanto à bondade da criação, significa que o que Deus criou tem, segundo a sua natureza, a devida potencialidade para aquilo para o que foi criado, e que responde ao propósito supremo do Criador de manifestar ou comunicar a sua glória em toda a criação, e então ser adorado. Autores contemporâneos como Van Groningen (2002) ensinam que a criação, subjugada e sujeita à escravidão desde a Queda, será redimida na Consumação e restaurada à sua bondade original, pois o próprio Criador é também o Consumador em sua bondade.

Palavras-chave: comunicação divina; bondade de Deus; bondade da criação; criação; consumação.

ABSTRACT

This text reflects research on the divine evaluation of creation in Genesis 1, within the scope of the Scientific Initiation Project "Divine Media: God spoke to us in different ways and on different occasions," from the Faculdade Assembleiana do Brasil. Its theoretical foundation lies in the contribution of Martínez Díez (1997), who postulates the necessity of a prophetic word subsequent to God's creative activity to bring due clarification about creation. Systematic theologians Berkhof (2012), Ferreira (2007), Frame (2013), and biblical theologians Van Groningen (2002) and Martínez Díez (1997) himself contribute to the discussion. The aim is to identify the nature of the repeated declarations about God's goodness in creation and the meaning of that goodness. Regarding the nature and object of the declarative acts, it was found that this is a verbal communication from God, made indirectly through the literary space occupied by the prophet Moses, concerning His evaluation of creation. As for the goodness of creation, it means that what God created, according to its nature, possesses the proper potential for that for which it was created, and that it responds to the Creator's supreme purpose of manifesting or communicating His glory throughout creation, and then being worshiped. Contemporary authors such as Gerard Van Groningen (2002) teach that creation, subjugated and enslaved since the Fall, will be redeemed in the Consummation and

restored to its original goodness, for the Creator Himself is also the Consummator in His goodness.

Keywords: divine communication; goodness of God; goodness of creation; creation; consummation.

RESUMEN

Este texto es una reflexión sobre la investigación acerca de la evaluación divina de la creación en Génesis 1. Se enmarca dentro del Proyecto de Iniciación Científica "La Mídia Divina: Dios nos habló de modos y en ocasiones diferentes" de la Faculdade Assembleiana do Brasil. Su fundamento teórico reside en la contribución de Martínez Díez (1997), quien postula la necesidad de una palabra profética posterior a la actividad creadora de Dios para aportar la debida clarificación sobre la creación. A la discusión contribuyen los teólogos sistemáticos Berkhof (2012), Ferreira (2007), Frame (2013), y los teólogos bíblicos Van Groningen (2002) y el propio Martínez Díez (1997). El objetivo es identificar la naturaleza de las reiteradas declaraciones sobre la bondad de Dios en la creación y el significado de esa bondad. En cuanto a la naturaleza y el objeto de los actos declarativos, se constató que se trata de una comunicación verbal de Dios, realizada de forma indirecta a través del espacio literario ocupado por el profeta Moisés, referente a Su evaluación de la creación. Respecto a la bondad de la creación, significa que lo que Dios creó, según su naturaleza, posee la debida potencialidad para aquello para lo que fue creado, y que responde al propósito supremo del Creador de manifestar o comunicar Su gloria en toda la creación, para luego ser adorado. Autores contemporáneos como Gerard Van Groningen (2002) enseñan que la creación, subyugada y sujeta a la esclavitud desde la Caída, será redimida en la Consumación y restaurada a su bondad original, porque el propio Creador es también el Consumador en Su bondad.

Palabras clave: comunicación divina; bondad de Dios; bondad de la creación; creación; consumación.

1 INTRODUÇÃO

Esse texto resulta de uma pesquisa sobre a avaliação divina de sua criação em Gênesis 1, realizada no âmbito do Projeto de Iniciação Científica "A Mídia Divina: Deus nos falou de modos e em ocasiões diferentes", da Faculdade Assembleiana do Brasil³. O estudo discute a apreciação de Deus por sua obra criadora, conforme expressa em Gênesis 1.4, 10, 12, 18, 21, 25 e 31, tomando essas declarações como objeto central da investigação. O objetivo é compreender a natureza das repetidas afirmações do Criador sobre a bondade da criação e o significado dessa bondade no contexto da ação criadora dos céus e da terra (cf. Gn 1.1).

Isso é feito com base na compreensão adquirida de que tais declarações encontradas em várias etapas da criação, conforme a narrativa mosaica, reiteram a bondade original do Criador, levando a crer que são uma comunicação verbal indireta de Deus e que, mediadas pelo profeta Moisés, compõem o relato da criação. Desde esse ponto busca-se por um conhecimento pautado no encadeamento de explicações baseadas em estudos exegéticos e teológicos.

A fundamentação teórica da investigação apoia-se, principalmente, no teólogo bíblico da comunicação Martínez Díez (1997, p. 162), para quem a "criação pede [...] uma palavra posterior, uma palavra profética que dissolva as ambiguidades e elimine a opacidade do mundo e das realidades terrenas." Outras contribuições vêm de autores que representam um espectro que vai de hermeneutas e exegetas a teólogos bíblicos e sistemáticos, tais como: Berkhof (2012), Frame (2013), Ferreira e Myatt (2007), Futato (2010) e Groningem (2002).

³ Sua primeira fase aconteceu em 2023/2 e produziu os resultados divulgados no VIII Congresso Nacional de Ciências Bíblicas, em 10 nov. 2023; sua segunda fase, em 2024/1, produziu resultados divulgados no XII Conferência Nacional Crer e Pensar, em 26 abr. 2024 e no IX Congresso Nacional de Ciências Bíblicas, em 20 set. 2024. E-mail: terraforte.gyn@gmail.com.

2 ANÁLISE DA NARRATIVA

As declarações divinas sobre a bondade da criação, registradas por Moisés em Gênesis 1, nomeados acima, carecem de uma análise mais aprofundada. É importante, antes de tudo, examinar a relação dessas declarações com a motivação divina para criar o mundo, as declarações divinas em questão e, enfim, comunicar o seu significado, especialmente à luz da conexão entre criação e revelação estabelecida na abertura das Escrituras Sagradas.

2.1 A MOTIVAÇÃO DO CRIADOR

Teólogos como Berkhof (2012), Ferreira e Myatt (2007) e outros têm defendido, à luz das Escrituras (cf. Ef 1.11; Ap 4.11), que a criação do mundo (Gn 1-2) foi um ato da livre vontade de Deus e que seu motivo se encontra em si mesmo. Ele criou para destacar e manifestar a sua glória, de modo que seus gloriosos atributos se revelam em toda a sua criação. Essa manifestação ocorre por meio da exposição natural da própria criação, com o propósito de despertar a admiração das criaturas, promover seu bem-estar e plena felicidade, afinar seus corações para o louvor ao Criador e, por fim, suscitar em suas almas expressões de gratidão, amor e adoração a Ele.

A questão da criação como um ato livre da vontade de Deus tem sido objeto de reflexão e debate ao longo dos séculos. Van Groningen (2002, v. 1, p. 26) destaca essa perspectiva ao afirmar que Deus escolheu criar o mundo e tudo o que há nele de forma espontânea, movido tão somente por sua própria vontade; ele agiu e falou livremente, sem qualquer compulsão ou necessidade externa que o obrigasse a fazê-lo. Além disso, dizer que a criação é um ato da vontade de Deus implica que ele tinha um propósito e um plano, ou objetivo, ao criar o mundo.

E mais, se tudo o que Deus faz é intencional e tem um propósito, a criação não foge a isso, não é exceção. A criação é um reflexo do seu caráter e uma

demonstração de seu amor e poder. Para compreender essa perspectiva, é necessário considerar alguns aspectos teológicos: antes de tudo, a ideia de que a criação é um ato livre da vontade de Deus é baseada na noção de que ele é o Criador supremo, aquele que está acima de todas as coisas e que possui o poder absoluto sobre o universo. Nesse sentido, a criação é vista como uma expressão da liberdade divina, uma manifestação do seu poder e autonomia.

E ainda, a visão de que a criação é um ato voluntário de Deus está relacionada à concepção de um Deus pessoal e consciente. Segundo essa perspectiva, Deus não é apenas um conjunto de forças naturais ou uma entidade impessoal; ele é um ser que possui inteligência, vontade e consciência. Assim, a criação é entendida como um ato deliberado, resultado da escolha e do desejo de Deus (Berkhof, 2012; Ferreira; Myatt, 2007; Frame, 2013; Groningen, 2002, v. 1).

Por fim, afirmar que o motivo da criação de Deus é Ele mesmo revela que Ele criou todas as coisas para a sua própria glória e para manifestar seu caráter e poder. Deus não precisava criar o mundo, mas ele fez como uma expressão de amor e do desejo de compartilhar sua própria natureza com suas criaturas. Ele foi motivado a criar a fim de ser adorado e glorificado; e a criação o glorifica, conforme descreve o salmista (Sl 19.1-4a): "Os céus anunciam a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos. Um dia fala disso a outro dia; uma noite revela a outra noite. Sem discurso nem palavras, não se ouve a sua voz. Mas a sua voz ressoa por toda a terra, e as suas palavras, até os confins do mundo".

Deus criou o cosmos e se revelou para expressar uma de suas características divinas: o amor ("Deus é amor", cf. 1 Jo 4.8). No ato de criar, fez aquilo que poderia amar, como na realidade amou (Jo 3.16). Por isso, a criação reflete sua grandeza e perfeição, e tudo o que ele criou tem como o propósito principal exaltá-lo e glorificá-lo. É a partir dessa compreensão que Ferreira e Myatt (2007), assim como

Van Groningen (2002, v. 1), afirmam que Deus não criou o mundo por necessidade, mas para manifestar sua majestade e perfeição. A criação é, então, uma expressão da sua bondosa natureza e de seus atributos.

O fato de a criação ser um ato livre da vontade de Deus enfatiza sua soberania e independência; ao mesmo tempo, o fato de Ele mesmo ser o motivo da criação ressalta a revelação de sua glória e a manifestação de seu caráter divino. Esses aspectos são essenciais para a compreensão da relação entre Deus e sua criação, pois indicam o propósito divino de estabelecer um relacionamento com a criatura e a abertura de um caminho de comunicação por meio de sua autocomunicação.

De outra forma: a autocomunicação divina deu origem à criação, através da qual Deus revela seus gloriosos atributos por meio da exposição natural. Trata-se de uma manifestação de sua sabedoria, poder e bondade. Pela ordem e complexidade presentes na natureza, o ser humano pode contemplar a grandiosidade e perfeição do Criador.

A diversidade de seres vivos, a beleza dos ecossistemas e a harmonia dos elementos naturais são evidências do cuidado e do amor de Deus por sua criação. Ao criar os céus e a terra (o cosmos), determinou as funções de cada elemento e atuou de forma ordenada, conforme o propósito que tinha em mente: "Seu majestoso reino cósmico de tremenda magnitude, que está, em vários sentidos, acima da compreensão humana, é o maravilhoso produto de seu desejo, plano, ordem e poder soberano" (Van Groningen, 2002, v. 1, p. 53).

Logo, é possível afirmar que o ser humano, como criatura de Deus, pode perceber essa autocomunicação divina por meio da contemplação da natureza, a qual o conduz ao reconhecimento da existência de um ser superior que se revela através da criação e sustenta todo o universo. Cabe aqui uma

observação: a autorrevelação do Criador não implica, em nenhum momento ou circunstância, que Ele se confunda com a criação.

A teologia cristã clássica aceita, com base no Salmo 19.1-6, a criação como revelação não verbal, clara e inequívoca. Essa passagem traz o registro do poeta refletindo sobre a manifestação da glória de Deus em toda a criação, as dimensões desse manifesto e o fato de que toda a criação é alcançada pela revelação que o Criador faz de si mesmo ("Sem discurso nem palavras, não se ouve a sua voz. Mas a sua voz ressoa por toda a terra, e as suas palavras, até os confins do mundo", cf. v. 3-4ab). A criação é, portanto, uma forma de expressão e comunicação de Deus com o ser humano, revelando quem ele é e como a criatura humana deve se relacionar com o Criador e com o mundo ao seu redor. Para esclarecer essa revelação, como um adendo explicativo ao que já foi manifestado de fato, a sua Palavra declara a mesma verdade!

A exposição natural das coisas criadas tem como propósito despertar a admiração das criaturas de Deus, revelando sua grandeza, sabedoria e bondade. A criação é, portanto, um testemunho visível da presença e do poder de Deus, convidando as pessoas a contemplarem e se maravilharem com a sua obra. Através dela, Deus se revela e se comunica com sua criatura de forma clara, convidando-a a reconhecer a sua existência e a estabelecer um relacionamento consigo (Berkhof, 2012; Ferreira; Myatt, 2007; Frame, 2013; Van Groningen, 2002, v. 1).

Segundo estes teólogos, a criação, como resultado da autocomunicação divina, é a manifestação do amor e do propósito de Deus. Em sua infinita sabedoria e amor, Ele escolheu comunicar-se com suas criaturas no próprio ato de criá-las, manifestando-se por meio da criação do universo e de tudo o que nele existe. E essa manifestação natural das coisas criadas tem, como objetivo principal, promover o bem-estar e a perfeita felicidade dessas criaturas. Deus deseja que

suas criaturas desfrutem de uma vida plena e abundante, em comunhão com Ele e entre si.

A criação é, portanto, um reflexo do caráter amoroso e generoso de Deus, evidenciando seu cuidado e provisão para com suas criaturas. Diz-se, então, que a revelação natural manifesta a bondade divina, como o apóstolo Paulo declara aos pagãos em Listra (At 14.17; cf. Mt 5.45): Deus “não se deixou ficar sem testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos do céu chuvas e estações frutíferas, enchendo o vosso coração de fartura e de alegria” (Frame, 2013, p. 82).

Corroborando com esse entendimento o registro de Genesis (1.1), que abre a revelação especial convidando o homem a contemplar a grandiosidade do ato criativo divino e a reconhecer a autoridade e a bondade de Deus sobre toda a criação. Assim, a criação é vista como um testemunho do amor e do poder de Deus, que convida a humanidade a responder com gratidão e adoração (Van Groningen, 2002, v. 1, p. 28).

Há um consenso entre teólogos de diversas tradições cristãs de que a criação resulta da autocomunicação divina, e de que as coisas criadas por Deus se manifestam naturalmente para conduzir as almas humanas à gratidão, ao amor e à adoração ao Criador. Segundo Frame (2013 p. 82), essa exposição natural é uma forma de Deus revelar-se e comunicar-se com sua criação, permitindo que as pessoas percebam sua grandeza e sintam o desejo de adorá-lo.

Berkof (2012 p. 127) oferece uma outra perspectiva ao discutir o propósito da criação afirmando que “o recebimento da glória por meios de louvores prestados por suas criaturas morais é um fim que está incluído no fim supremo, mas não constitui em si mesmo esse fim. Deus não criou primeiramente para receber glória, mas para tornar a sua glória saliente e manifesta”. Ele acrescenta também que a criação reflete a bondade e o amor de Deus, e fornece a felicidade e o bem-estar

para toda humanidade dando uma base sólida para que as pessoas respondam com gratidão e amor.

Ferreira e Myatt (2007, p. 42) e Frame (2013), por sua vez, destacam que a criação é um convite para que as almas reconheçam a presença de Deus e cultivem um relacionamento pessoal com ele, expressando amor e adoração por meio de suas ações e atitudes. Toda a criação está repleta da grandeza de Deus; por ela, mesmo aqueles que nunca ouviram o evangelho receberam a revelação divina. Por isso, o homem deve adorar o Criador, e não as coisas criadas (Rm 1.22–23).

Em resumo, a criação é o meio pelo qual as almas humanas se conectam com o Criador, expressando gratidão, amor e adoração a Ele. O fim supremo de Deus ao criar é manifestar Sua glória para ser adorado, incluindo como propósitos subordinados a felicidade e a salvação das criaturas, bem como o louvor de corações agradecidos. Berkhof (2012), Ferreira e Myatt (2007), Frame (2013) e Strong (1912) corroboram essa visão, afirmando que a criação glorifica a Deus ao adorá-lo (Sl 19.1–4; 50.6; 89.5; 98.7–9; 148.1–14), revelar seu senhorio (Êx 20.11; Ne 9.6; Sl 24.1–2; 146.5–6) e ser interpretada por sua Palavra (Gn 1.5, 8, 10; 2.19–20).

Diante disso, afirma-se aqui que a criação possui um fim determinado e que, à medida que foi se manifestando, isto é, ganhando existência ao longo dos seis dias da atividade criadora de Deus, passou a ser avaliada à luz do propósito para o qual estava sendo chamada à existência. Como observa Frame (2013, p. 78), Deus havia “estabelecido o propósito para cada coisa e, portanto, sabe se, e em que grau, cada coisa criada se encaixa no seu propósito”. A relação entre esse propósito e as declarações divinas a respeito da criação será analisada a seguir.

2.2 AS DECLARAÇÕES DIVINAS EM QUESTÃO

Moisés, admitido como autor do livro de Gênesis, faz uma afirmação inaugural que é majestosa e abrangente: "No princípio criou Deus o céu e a terra" (Gn 1.1). Essa afirmação significa que "tudo o que existe foi trazido à existência pelo ato inicial criador de Deus." A grandiosidade dessa declaração está em que aborda vários aspectos da criação, conforme desenvolvidos ao longo do capítulo 1 do mesmo livro: o tempo, retratado como uma "tremenda extensão de tempo em uma formidável e majestosa cena"; a criação, representada pela "vastidão e abrangência do cosmos"; e o principal protagonista, Deus, o Criador, majestoso em si mesmo (Van Groningen, 2002, v. 1, p. 22, 38).

Esse protagonista é também o sujeito das sucessivas comunicações indiretas de Deus, registradas pelo legislador de Israel. Moisés fez sete desses registros ao longo de Gênesis 1, todos vinculados à atividade do Criador. No primeiro dia, após a criação da luz, Deus viu "que era boa a luz" (v. 4); no terceiro dia, após o surgimento do firmamento no segundo dia, a formação da terra seca, das extensões de água e a produção de toda espécie de vegetação, Deus viu "que isso era bom" duas vezes (v. 10 e 12); no quarto, após a criação e colocação dos luzeiros no céu, ele viu "que isso era bom" (v. 18); no quinto, depois da criação da vida nas águas e do surgimento de aves no firmamento, Deus novamente viu "que isso era bom" (v. 21); no sexto dia, após a criação dos seres vivos da terra, Deus viu "que isso era bom" (v. 25); e, finalmente, ao contemplar tudo o que havia feito, inclusive o ser humano (v. 26-27), Moisés registrou que Deus viu "que era muito bom" (v. 31).

O formato das comunicações em Gênesis 1, verbais e não verbais, manifesta-se na revelação por meio da Palavra escrita de Deus e ocorre mediante o fenômeno da inspiração (2 Pe 1.21; 2 Tm 3.16), entendido como "uma influência sobrenatural exercida nos escritos sagrados, pelo Espírito de Deus, em virtude da

qual os seus escritos recebem fidedignidade divina" (Warfield, 2010, p. 106), tornando-se, assim, as Escrituras Sagradas. A admissão desse fenômeno é necessária para se esclarecer o significado da criação, tanto nas falas quanto nos atos divinos que a constituem, visto que a obra divina só pode ser compreendida pelo homem, em sua finitude, se lhe for dado acesso às informações disponibilizadas pelo próprio Deus.

A inspiração é, portanto, o fenômeno que possibilita que o soberano Senhor venha até o homem se lhe revelando nas Escrituras resultantes desta revelação para que este o conheça. Em decorrência, a Palavra de Deus é o ponto de contato que apresenta ao homem a glória do Deus supremo, além de lhe mostrar a necessidade de salvação e redenção em sua carência de uma revelação especial de Deus, o todo-poderoso. Por isso, afirma Van Til (apud Warfield, 2010, p. 15), essa Palavra também traz uma "interpretação de Deus por quem os fatos são aquilo que são".

É a partir dessa acepção que se pode compreender que, ao registrar as declarações de Deus sobre a criação, Moisés estava comunicando a revelação do Criador, recebida oralmente, e a materializava no texto sagrado: "e viu Deus que era bom" e "e viu Deus [...] que era muito bom". Isso significa que Moisés recebeu, por inspiração, a comunicação oral de Deus e a transmitiu (comunicou) de forma escrita.

Nesse sentido, a narrativa da criação, como descrita em Gênesis 1.1-2.4, apresenta uma revelação indireta de Deus, comunicando-se tanto por palavras (Deus falando: "Deus disse: haja") quanto por ações (Deus agindo: "e houve", "e assim foi"). Pode-se dizer, então, que a comunicação verbal precede e guia a comunicação não verbal, destacando a estreita ligação entre esses dois modos de revelação.

No modo direto, Deus transmitiu diretamente a Moisés as suas instruções nos atos criativos e nos ensinamentos. Isso ocorreu de forma imediata e clara, na medida em que Moisés recebia diretamente de Deus as palavras que ele deveria falar ao povo de Israel. Essa forma de revelação implica em uma comunicação direta e sem intermediação. Moisés registrou as palavras exatas de Deus, transmitindo-as como revelação divina literal e imediata. Isso implica que cada declaração sobre a criação – "Haja luz", e assim se fez etc. – foi diretamente comunicada por Deus a Moisés para que fosse registrada sem alterações.

No modo indireto, Deus também revelou sua vontade através de Moisés, mas de uma maneira que envolveu a participação ativa do profeta na transmissão das mensagens divinas. Neste caso, Moisés atuava como o portador das revelações de Deus, utilizando suas próprias palavras e entendimento para transmitir os ensinamentos divinos ao povo. Ainda que Moisés fosse o canal humano, as revelações eram entendidas como sendo de origem divina, pois refletiam a vontade de Deus para seu povo. "A inspiração de Deus em relação aos escritores da Escritura não se limita aos pensamentos, ela inclui as palavras (verbal) pelas quais esses pensamentos são expressos" (Campos, 2017, p. 218).

As declarações de Moisés em Gênesis 1 são, portanto, exemplos de comunicações indiretas, representando as palavras que Deus lhe transmitiu sobre o ato criativo durante a obra divina da criação. Esta revelação expressa-se nas sete declarações registradas em Gênesis 1, posteriormente transmitidas aos seres humanos. Moisés recebeu uma compreensão mais ampla da criação e a registrou por escrito, a fim de tornar essa revelação acessível a outros.

Como está claro no registro bíblico, tais declarações não são apresentadas como palavras ditas diretamente por Deus; ao contrário, trata-se de afirmações mediadas por Moisés como o profeta de Deus.

Segundo Campos (2017, p. 106), a verdade de Deus nos atinge pessoalmente através da Bíblia, que é a revelação registrada de Deus. A verdade saiu de sua mente e chegou à nossa pela iluminação do Espírito Santo. Deus pode ser percebido através da criação e da ordem natural do mundo, revelando sua soberania e poder nos atos criativos como uma forma de revelação indireta. O profeta não trazia sua própria palavra, mas era inspirado pelo Espírito Santo. As mensagens dos profetas têm uma autoridade divina e refletem os propósitos de Deus para seu povo. "Ele falava a palavra de Deus que não tinha origem no desejo do homem (2 Pe 1.21), mas vinha de Deus (Hb 3.7)" (Guthrie, 2007 p. 43; cf. Campos, 2017).

Portanto, a revelação ocorreu tanto no modo direto quanto no indireto, segundo a forma criativa pela qual Deus escolheu revelar-se. O modo direto envolve intervenções específicas e comunicações explícitas da parte de Deus, enquanto o indireto ocorre por meio da criação e da história registrada nas Escrituras. Ambos são compreendidos como complementares na maneira pela qual Deus se revela aos seres humanos ao longo da história e em diferentes contextos bíblicos.

Martinez Díez (1997) corrobora esse entendimento ao interpretar que a criação foi feita em comunicação pela palavra criadora de Deus (cf. Is 55.11); de outra forma, que ele foi falando e cada ordem pronunciada foi vindo à existência, tornando-se realidade. Isso aconteceu ao longo dos seis dias da criação, registrados ao longo da narrativa de Gênesis 1, por meio dos sucessivos atos criadores de Deus pela palavra: "E disse Deus... e assim se fez". E as impressões de Deus sobre a criação foram feitas e, então, registradas através do processo conhecido como inspiração verbal: e viu Deus "que era bom" (Gn 1).

2.3 O SIGNIFICADO DAS DECLARAÇÕES

A apreciação de Deus sobre sua própria obra é feita mediante o recurso da palavra posterior, de caráter profético, capaz de dissipar ambiguidades e esclarecer as realidades do mundo criado (Martínez Díez, 1997). Segue-se, nessa perspectiva, a busca pelo significado das declarações referentes à bondade da criação.

A afirmação de Moisés é que Deus criou e sua criação foi avaliada por ele mesmo como boa. Nesta afirmação, o verbo *rā'āh* (ver) refere-se a "considerar, discernir, (fazer para) desfrutar", "examinar" o objeto em questão (Strong, local. H7200; Vine; Unger; White Jr., 2002, p. 321). Em outras palavras, Deus criou e avaliou o que criara e, em sua avaliação, a criação foi entendida como boa, muito boa.

Nesse processo, Deus criava e, ao mesmo tempo, avaliava o elemento criado e via naquilo a sua bondade; para especificar melhor, Deus via no elemento criado (Gn 1.4, 10, 12, 18, 21 e 25) a vocação para atender ao propósito da sua criação e, assim, ia expressando a qualidade esperada sobre aquilo que criara ("e viu Deus que era bom"). Isso indica que o "que Deus criou, ato por ato, foi bom. Cada aspecto satisfaz seu padrão. E assim continuará" (Van Groningen, 2002, v. 1, p. 60; cf. Frame, 2013).

O padrão de Deus nos atos criativos, ao aprovar cada parte de sua criação pelo juízo valorativo "bom", indica que cada elemento criado atendia perfeitamente ao propósito para o qual fora feito. Quando Moisés relata repetidamente que "Deus viu que era bom", afirma que cada parte da criação, seja a luz, as águas, as plantas, os animais etc., estava em conformidade com o plano e o propósito para os quais Deus a criara. Não havia defeitos ou falhas que a desviassem da intenção original de Deus para aquela parte da criação. Deus declara que sua criação era boa; assim, ele a contempla com um olhar que

vai além de todo entendimento humano e revela que se agradou dela e de cada detalhe que havia feito (Van Groningen, 2002, v. 1, p. 21, 39).

O termo "bom" também implica perfeição e integridade. Não se trata apenas de ser funcional ou útil, mas de estar completo e sem imperfeições de acordo com o padrão divino. A expressão "Deus viu que era bom" indica o juízo divino de aprovação e satisfação em relação à criação. Ele reconhece que cada etapa do processo criativo cumpriu suas expectativas e refletiu sua própria natureza de bondade e perfeição.

Soares (apud Gilberto, 2002, p. 75), refletindo teólogos sistemáticos de gerações e gerações anteriores, afirma: "Deus é bom em si mesmo e para as suas criaturas". Campos (2017, p. 256) explica: "Deus é bondoso quando entra em relação com suas criaturas, e então tem prazer nas suas obras, e as beneficia. Essa sua bondade independe de qualquer motivação nas suas próprias criaturas. Toda bondade tem nascedouro em si mesma, como caracter divino, por isso tudo que Deus criou é bom (1Tm 4.4)" (Campos, 1999, p. 256; Van Groningen, 2002, v. 1, p. 27).

Além disso, a criação reflete a ordem e a harmonia planejadas por Deus. Cada parte contribui para o todo de maneira integrada e equilibrada, demonstrando a sabedoria divina na organização e no funcionamento do cosmos criado. Portanto, o padrão de Deus sendo "bom" nos atos criativos significa que cada aspecto da criação estava alinhado com a vontade e o propósito divino, era perfeito em sua integridade e funcionamento, e refletia a própria bondade e sabedoria de Deus.

A palavra "boa" também se refere à maneira como Deus conduzia sua obra, e não uma qualidade de perfeição; o "bom" diz respeito à condição em que algo funciona de maneira ótima, conforme foi designado, dentro de um sistema

totalmente organizado e habitável. Esse padrão estabelece a base para entendermos que a criação foi planejada e executada com excelência, sem falhas ou inadequações, conforme o desejo perfeito do Criador (Van Groningen, 2002, v. 1, p. 27, 60; Walton, 2016, p. 50-51).

Acrescenta-se que Moisés, no versículo 31 (Gn 1), fez uso do superlativo absoluto, adicionando ao adjetivo *tôb* (bom) o advérbio *mě'ōd'* (muito). A formação desse superlativo estabelece a qualidade de toda a criação em seu grau máximo, sem relação ou comparação com outro elemento criado. Isso significa que toda a criação é boa em seu grau mais elevado a tal ponto que não há como encontrar no mundo criado um parâmetro para esclarecê-la; o que há de mais próximo vem do Criador que, voluntariamente, quis comunicar-se e o fez também pela criação (Futato, 2010; Van Groningen, 2002, v. 1).

No versículo 31, ao declarar que tudo o que criou é "muito bom", Deus manifesta a perfeição e a excelência máxima de sua obra. Esta afirmação não apenas enfatiza a ausência de falhas ou imperfeições, mas também destaca que cada elemento da criação alcançou seu potencial máximo de bondade, e que nenhuma outra medida pode se comparar à perfeição que Deus estabeleceu, evidenciando que ele é a única referência para essa bondade máxima. Ao proclamar a bondade de sua criação, Deus revela sua soberania e habilidade criativa, e comunica aspectos essenciais de sua própria natureza aos seres humanos.

A criação não é apenas um reflexo do poder divino, mas um testemunho vivo do caráter de Deus, convidando a humanidade a contemplar mais profundamente a natureza do Criador. Cada parte da criação, desde os seres humanos até os menores elementos, como o organismo *Nanoarchaeum equitans*, tem um papel definido e significativo dentro da vontade divina, contribuindo para a ordem, harmonia e beleza do universo. Assim, a criação não é apenas um

conjunto de obras, mas revela a intencionalidade e o cuidado com que tudo foi criado, estabelecendo um propósito e significado delineados por Deus. O superlativo "muito bom" das obras da criação não só sublinha sua perfeição inigualável, mas também ressalta a profunda conexão entre o Criador e sua criação, convidando os seres humanos a reconhecerem sua grandeza e a participarem de sua obra contínua, desfrutando da comunhão com ele (Van Groningen, 2002, v. 1, p. 23, 29).

Enfim, a bondade da criação é um reflexo da bondade do Criador. Isso indica que na avaliação dos elementos criados, no decorrer dos seis dias da criação, todos estavam de acordo com o padrão da vontade ou intenção de Deus ao criá-los, que tudo o que Deus criou foi fiel ao seu propósito, e que o seu propósito supremo, ao criar, foi comunicar-se ou manifestar a sua glória a fim de ser adorado. Portanto, por esta bondade da criação estar vinculada à bondade do Criador ou, de certa maneira, ser uma extensão da sua bondade, o que foi começado no princípio e tem tido existência contínua no presente, terá uma conclusão final no sentido de aperfeiçoar completamente o que já foi declarado muito bom no término da criação. Afinal, esclarece Van Groningen (2002, v. 1, p. 58), "O *escaton* (fim) foi incluído no começo. A escatologia teve início com a criação."

Segundo Van Groningen (2002, v. 1, p. 25, 29), existe o início e o fim da criação conforme descrito nas Escrituras, especialmente no Antigo Testamento. Ele ressalta que, enquanto o início da criação foi um ato de Deus que trouxe o cosmos à existência a partir do nada, a consumação final será diferente em sua natureza. A consumação resultará em um cosmos sem fim, indicando que o universo nunca voltará a um estado de não existência.

O estudo das Escrituras busca compreender completamente o propósito de Deus tanto no início quanto no final da criação. No início, Deus criou tudo *ex nihilo*, do nada, e declarou cada elemento da criação como "muito bom" ao final

do processo. A conclusão final, então, visa aperfeiçoar completamente aquilo que foi inicialmente declarado como bom por Deus. Isso implica em um processo de restauração e cumprimento final dos propósitos divinos para a criação. Portanto, o autor ressalta a continuidade do plano de Deus desde o início até a consumação final, garantindo que o cosmos, uma vez criado, nunca será desfeito, mas será aperfeiçoado de acordo com a vontade e o plano de Deus revelados nas Escrituras (Van Groningen, 2002, v. 1, p. 25, 29).

Na perspectiva cristã, há uma interligação essencial entre julgamento e renovação, fundamentais no governo de Deus. O Novo Testamento oferece uma visão apocalíptica que não apenas prevê o julgamento da criação, mas também sua subsequente renovação. Assim como os seres humanos passam por um julgamento e transformação espiritual, a criação também será submetida ao julgamento e a um processo de purificação. Paulo, em 1 Coríntios 3.12-15, descreve esse julgamento pelo fogo que purifica as obras, semelhante ao que a criação experimentará. Contudo, assim como há continuidade entre os corpos atuais e os ressuscitados, haverá continuidade entre a criação atual e a nova criação prometida. Isso reflete a intenção de Deus de renovar, não de destruir novamente a Terra, como prometido após o dilúvio, recriando-a em uma nova forma, assim como ele recria os seguidores de Cristo em uma nova humanidade espiritual. Em Cristo, o homem é chamado de "nova criação" (2 Co 5.17), indicando uma renovação espiritual profunda enquanto mantém seu corpo físico atual. Da mesma forma, toda a criação aguarda sua renovação final, e os homens são convidados a participarem desse processo como coagentes de Deus, contribuindo para a renovação da criação enquanto ele traz o novo céu e a nova terra (Carriker, 2014, p. 23-24).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa confirmou a teoria de Martínez Díez (1997, p. 162), segundo a qual "a criação pede [...] uma palavra posterior, uma palavra profética que dissolva as ambiguidades e elimine a opacidade do mundo e das realidades terrenas." Essa palavra, pronunciada após cada ato criativo de Deus, impede interpretações ambíguas ou a ausência de acesso direto ao sentido da criação. Cada elemento criado foi examinado e aprovado pelo Criador com o selo de "bom", ou seja, plenamente adequado ao propósito para o qual fora criado.

Para esse resultado, foi necessário examinar outras áreas da Teologia da criação e disso foi identificado: que Deus criou livremente o céu e a terra para manifestar a sua glória e ser adorado. Na sua atividade criadora, Deus agiu criando e, por mãos de Moisés, agiu registrando os dias da criação, de modo que sua comunicação é, ao mesmo tempo, verbal e acional, direta e indireta.

Que, em sua atividade inspirada pelo Espírito de Deus, Moisés registrou a avaliação do Criador ao longo do relato da criação. Registrou, ao todo, seis afirmações específicas sobre o exame feito por Deus, cinco das quais referindo-se aos atos criadores específicos, correspondendo a uma por dia criado, exceto aquelas que se referem aos atos ocorridos nos dias dois e três, registradas em conjunto; e uma, em nível geral, sobre a bondade de Deus encontrada na criação em escala abrangente.

Que, por Deus ser bom, sua bondade expressa-se na criação, por isso ela é feita boa (1 Tm 4.4; cf. Gn 1.1ss). Porém, como adverte Frame (2013, p. 179), não há aqui "um continuum, mas uma distinção entre tudo o que é divino e tudo o que é criado"; a bondade da criação não é a bondade de Deus, ainda que os atributos de Deus tenham sua imagem nas criaturas. Assim, a bondade de Deus é o modelo, a bondade da criação é a imagem divina.

Enfim, também ficou claro que a bondade da criação é um reflexo da bondade do Criador. Isso indica que na avaliação dos elementos criados, no decorrer dos seis dias da criação, todos estavam de acordo com o padrão da vontade ou intenção de Deus ao criá-los, que tudo que Deus criou foi fiel ao seu propósito, e que o seu propósito supremo, ao criar, foi comunicar-se ou manifestar a sua glória a fim de ser adorado.

REFERÊNCIAS

- BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BÍBLIA SAGRADA. Nova Almeida Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.
- CAMPOS, Heber Carlos de. **Eu sou: a doutrina da revelação verbal de Deus (vol.1)**. São José dos Campos, SP. Fiel, 2017.
- CAMPOS, Heber Carlos de. **O ser de Deus e os seus atributos**. Cambuci, SP. Editora Cultura Cristã, 1999.
- CARRIKER, Timóteo. **Teologia bíblica da criação: passado, presente e futuro**. Viçosa: Ultimato, 2014. *E-book*.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual**. São Paulo: Vida, 2007.
- FRAME, John M. **A doutrina da Palavra de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- FUTATO, Mark. **Introdução ao hebraico bíblico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- GUTHRIE, Donald. **Hebreus: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- KUYPER, Abraham. **Encyclopedia of Sacred Theology: Its Principles**. Nova York: Charles Scribner's, 1898.
- MARTÍNEZ DÍEZ, Felicísimo. **Teologia da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SAKAMOTO, Cleusa Kazue; SILVEIRA, Isabel Orestes. **Como fazer projetos de Iniciação Científica**. São Paulo: Paulus, 2014.
- SOARES, Ezequias. A doutrina de Deus. *In*: GILBERTO, Antonio (Ed. geral). **Teologia Sistemática Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009. p. 49-114.
- STRONG, Augustus Hopkins. Lexicon: Strong's H7200. **Blue Letter Bible**, Web. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lexicon/h7200/kjv/wlc/0-1/>. Acesso em: 10 abr. 2024.
- STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia Sistemática**. v. 1. São Paulo: Hagnos, 2019.
- VAN GRONINGEN, Gerard. **Criação e consumação: o reino, a aliança e o mediador**. v.1. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR., William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio: CPAD, 2002.

WALTON, John. **O mundo perdido de Adão e Eva**: o debate sobre a origem da humanidade e a leitura de Gênesis. v. 2. Viçosa: Ultimato, 2016.

WARFIELD, Benjamim B. **A inspiração e autoridade da Bíblia**: a clássica doutrina da Palavra de Deus. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.